



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA
ISSN 2525-3441

*Maria de Lourdes Marcelino da
Silva*

*Universidade de Marília
lourdes.marcelino@outlook.com*

Altamir Botoso

*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
abotoso@uol.com.br*

*Resistência e transformação e suas
estratégias em Açúcar Amargo e Meninos
Sem Pátria, de Luiz Puntel*

*RESUMO: Para os povos colonizados, a resistência ocupa um status relevante, uma vez que se transforma numa maneira de se opor aos desmandos e às explorações dos colonizadores, e isso pode ser observado em textos literários de ex-colônias pertencentes a Portugal, Espanha, França, por exemplo. Desse modo, nosso objetivo é estudar as estratégias de resistência para a transformação de uma realidade opressora nos romances infantojuvenis *Açúcar Amargo* (1989) e *Meninos sem Pátria* (2000), de Luiz Puntel. Como referencial teórico, apoiaremos-nos nas pesquisas realizadas por Fanon (2006), Bonnici (2005, 2009), Lacrau (1990), Hall (2000, 2005). Observa-se que, no decorrer da leitura, os protagonistas das duas obras de Puntel, Marta e Marcos, conseguem modificar o cenário de opressão que os rodeia, por intermédio de atitudes de resistência.*

PALAVRAS-CHAVE: Resistência; Literatura infanto-juvenil; Açúcar amargo; Meninos sem pátria; Luiz Puntel.

INTRODUÇÃO



O tema da resistência pode ser observado em países que foram dominados por metrópoles europeias, Espanha, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, como é o caso também das ex-colônias africanas em relação a Portugal, das ex-colônias de domínio francês, tais como Marrocos, Tunísia, Senegal, Costa do Marfim, Argélia, dentre outras, enfim, de regiões que foram colonizadas e exploradas durante largo tempo por nações da Europa, que procuraram impor sua cultura, sua língua e sua literatura aos povos dominados.

A resistência configura-se como uma atitude de rebeldia por parte dos colonizados, que se opõe às atitudes despóticas do colonizador, visando a conscientização e a desconstrução de qualquer discurso opressor oriundo de diferentes regiões europeias, como Portugal, França, Estados Unidos, que se autoproclamaram como modelos a serem seguidos, pelo fato de dominarem o campo da tecnologia, das pesquisas nas áreas da saúde, da computação, da obtenção de matérias-primas como o petróleo, valendo-se da exploração de mão de obra e riquezas de países pobres, acarretaram miséria, destruição, mortes, e isso continua presente na contemporaneidade.

No âmbito da literatura, nota-se que inúmeros escritores (Salman Rushdie, Pepetela, Nadine Gordimer, Karen Blixen, V. S. Naipaul, Chimamanda Ngozi Adichie, Mohsin Hamid etc.) passaram a discutir e apontar as atrocidades cometidas pelas nações consideradas como "civilizadas", em relação a territórios que permaneceram e ainda continuam sob seu domínio, por meio da reescritura e a reinterpretação de textos canônicos, pelo emprego da ironia e da paródia, conforme acentua o professor universitário e crítico literário Thomas Bonnici (2005, p. 50, grifos do autor), em seu livro *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*.

[...] Além da existência de *testimonios* (Bontemps, 1969), leituras contemporâneas de certos clássicos da literatura (*A tempestade*, de Shakespeare, ou *Robinson Crusoe*, de Defoe) provocam a descoberta da voz do nativo que protesta e subverte o poderio metropolitano. [...]

Sob essa perspectiva, instaura-se uma fissura no discurso do colonizador

para se ressaltar questões que ainda afligem os povos dominados, tais como fome, miséria, mão de obra barata,



venda de matéria-prima, aquisição de tecnologia, que calam as suas vozes, propiciando novos olhares sobre tais questões e até mesmo a revisão de dados historiográficos, concebidos sob a tutela da voz dos vencedores.

Em relação a esses aspectos assinalados (relações comerciais, distribuição injusta de renda, trabalho escravo) vários críticos voltaram-se para a temática da resistência:

[...] Bhabha (1984; 1985; 1986) fala da *resistência* do nativo praticada através do questionamento da autoridade colonial. O nativo encontra a sua voz através da mímica, do hibridismo e da cortesia dissimulada. Spivak (1987; 1988) duvida da possibilidade da fala na *mulher subalterna* (duplamente submissa) e, extensivamente, em todo e qualquer nativo colonizado. Enquanto Bhabha encontra a voz na paródia do nativo, Parry (1987) localiza a voz da mulher submissa naqueles lugares onde ela, inscrevendo-se como curandeira, ascética, cantora, artesã e artista, consegue ter voz. (BONNICI, 2005, p. 50, grifos do autor).

Nos atos de rebeldia do colonizado em relação ao colonizador, ou do oprimido em relação ao opressor, verificam-se atitudes para resistir às medidas opressivas das quais foram e são vítimas. Nesse cenário, ganha destaque a figura feminina, que sofre uma dupla subalternidade, a primeira, na sua condição de mulher; a segunda, devido a sua voz sempre silenciada pelo sistema patriarcal e pelo domínio do colonizador.

A resistência, embora seja um conceito que, primariamente, se relaciona com extensões territoriais que foram invadidas e explorados por países da Europa (Alemanha, Itália, França, Portugal) e estabelece uma oposição entre colonizador e colonizado, pode ser observado, também, em relação a povos que lutam contra a opressão de nações imperialistas, ou no embate entre pobres e ricos, empregados e patrões, dominados e dominadores.

Este artigo busca investigar o modo como o espaço de resistência e de transformação é marcado em duas obras da literatura infantojuvenil – *Açúcar Amargo* (1989) e *Meninos sem Pátria* (2000), de autoria do escritor brasileiro Luiz Puntel, que compõem a Série Vaga-lume, muito lidas e de fácil acesso para os estudantes das décadas de 80 e 90, uma vez que foram adotadas por inúmeras escolas tanto públicas quanto privadas em nosso país.ⁱ

Pretende-se compreender, na figura das personagens principais, Marta, em *Açúcar Amargo* (1989) e Marcão, em



Meninos sem Pátria (2000), dois adolescentes; e, as referências sociais dadas ao gênero feminino e aos filhos de exilados políticos da ditadura militar, configurando atitudes de resistência em relação ao sistema patriarcal e ao poder ilimitado dos militares, que comandaram o Brasil no período de 1964-1985, os “anos de chumbo”, durante os quais todo o tipo de atrocidade e violência (assassinatos, prisões arbitrárias, desaparecimentos de pessoas contrárias ao regime militar) foi cometido em nome de uma suposta manutenção da ordem e do desenvolvimento do país.

O EXÍLIO E O SUJEITO SUBALTERNO

A literatura pós-colonial é um espaço de resistência, na medida em que representa, o contexto histórico e ideológico, no âmbito literário, e tem posições ideológicas contraditórias específicas em relação a fatores políticos, envolvendo raça, etnia, classe, gênero e linguagem.

Nesse contexto, a resistência pode ser entendida, nas obras que serão analisadas, como reação pela qual o colonizado tenta alterar, deslocar-se de uma cultura imposta e desconstruir o poder colonial dominador. Ela representa a transformação, o uso de estratégias pessoais e até coletivas, para manifestar recusa às imposições, a uma cultura patriarcal, ao *status* de objeto conferido à mulher e de desrespeito à democracia e à manutenção de um regime ditatorial e de controle político.

De acordo com Thomas Bonnici (2009), a representação e a resistência são dois fatores que repetidamente emergem, quando se trata da teoria e da literatura pós-colonial das décadas de 1950 e 1960. Sendo a representação de lutas uma das estratégias de resistência e transformação,

[...] A cultura da nação realiza-se no engajamento do intelectual e na vida de lutas. Referente ao primeiro aspecto, o passado, utilizado para abrir o futuro, é um convite à ação e um pressuposto para a esperança. Segue-se que o intelectual deve lutar para conseguir a descolonização na nação” (BONNICI, 2009, p. 58).

No Brasil a história aponta momentos de reação desse sujeito colonizado opositor. A literatura, como discurso pautado em contexto histórico, além de

disseminar valores, costumes e estereótipos, mostra também a capacidade de transformação como resistência



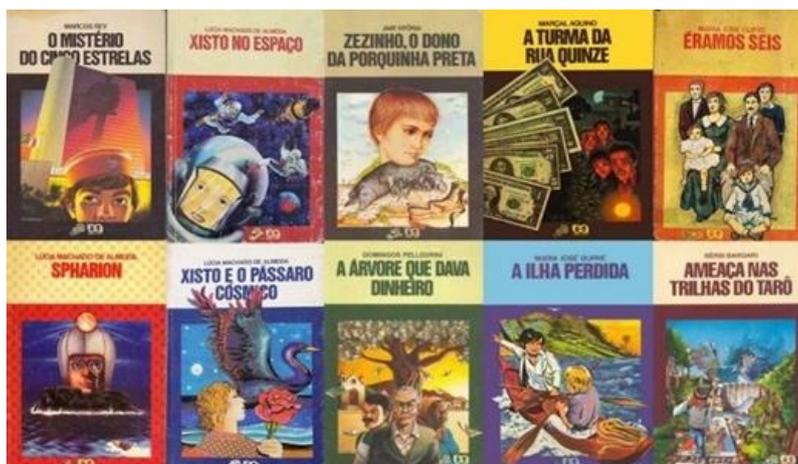
enveredando os leitores nas estratégias utilizadas para disseminar uma cultura imposta.

Buscando identificar textos pós-coloniais para interpretação desse processo descolonizador, que aborde esses aspectos, parece pouco provável encontrar estudantes dos anos 80 e 90, que não tenham realizado a leitura de, ao menos, uma das obras da Coleção Vaga-Lume, lançada em 1973, pela Editora Ática.

Essa coleção de livros, composta de romances voltados ao público infanto-juvenil, foi, e ainda é, um grande sucesso, sendo uma das principais responsáveis pela formação de muitos leitores no Brasil, principalmente por razões editoriais, como o preço acessível, visto que as obras eram produzidas em grandes tiragens, e a divulgação para as escolas como paradidáticos, sendo utilizadas amplamente nos ensinos fundamental e médio até os dias atuais. A esse respeito, é possível verificar que as obras da Série Vaga-Lume

27 giram em torno de uma aventura, um mistério, um obstáculo a ser vencido pela personagem. Mesmo naquelas que abordam um drama familiar ou o amadurecimento da personagem pelos embates com a vida cotidiana, há um enigma a ser resolvido, um perigo a ser enfrentado, com o propósito de prender o leitor em uma cadeia de suspense que só será resolvida ao final da história. (CRUVINEL, 2009, p. 32).

Uma das características da Série é apresentar na capa as personagens principais da trama. Outra é o título da obra na parte superior, em letras bastão coloridas, nas diferentes cores e títulos, e, logo acima do título, o nome do autor, sendo muitos deles, desconhecidos até então. A título de ilustração, vejamos algumas dessas capas:



Capas de alguns livros da Série Vaga-Lume.

Capas dos livros da Série Vaga-Lume.

<https://blog.estantevirtual.com.br/2016/05/16/4-livros-vaga-lume/>

Certamente, a grande maioria, senão todos os estudantes brasileiros leram alguns desses títulos. Dessa forma, pode-se afirmar que esses livros contribuíram para a formação do comportamento leitor, o qual implica na interação com outras pessoas acerca dos textos, como comentar ou recomendar o que se leu, compartilhar a leitura, confrontar com outros leitores as interpretações geradas, entre outras, abordando assuntos relacionados à família, ao amor, à amizade, ao trabalho, independentemente dos *Suplementos de Trabalho*, que acompanhavam as obras e davam suporte ao contrato didático com o professor, dos quais muitos provavelmente não se lembram, mas das histórias não se esquecem, e até hoje socializam e compartilham experiências advindas de tais leituras.

As publicações que compõem esta série foram criadas por escritores brasileiros. Luiz Puntel (1949-) foi um dos escritores que mais publicou títulos pela Série Vaga-Lume. Por essa série, ele publicou: *Deus me Livre!* (1984), *Açúcar Amargo* (1986), *Meninos sem Pátria* (1988), *Um Leão em Família* (1990), *Tráfico de Anjos* (1992), *Missão no Oriente* (1997) e *O Grito do Hip Hop* (2005).

É característica das obras de Puntel a linguagem simples, acessível aos leitores jovens, e a presença de temas da atualidade (consumo de drogas, sexualidade, preconceito racial, repressão infantil, extermínio de índios), com

crítica social nem sempre explícita, mas evidenciada nos percalços das personagens, sem deixar de lado as aventuras



dos adolescentes. É também peculiar ao autor a criação de protagonistas com quem os jovens leitores se identificam; ora pelas circunstâncias da temática, ora pelas características socioculturais das personagens: jovem, primeira paixão, descobertas, amigos e outras.

Em *Açúcar Amargo* (1989), o autor apresenta uma jovem boia-friaⁱⁱ, que deveria ser submissa, por ter nascido mulher, no seio de uma cultura patriarcal, no entanto, se faz questionadora, com atitudes de resistência às relações familiares e sociais de desprestígio, opressão, autoritarismo e dominação masculina. Diante das dificuldades sofridas, Marta cria estratégias para buscar sua autonomia, lutando contra as condições sociais impostas para o gênero.

A história, baseada em fatos reais, trata de uma greve dos cortadores de cana que acontece em Guariba, cidade próxima de Ribeirão Preto-SP, é uma obra de ficção, que apresenta a luta dos trabalhadores rurais por melhores condições de trabalho e também as estratégias de uma jovem para mostrar ao pai o valor da mulher no campo e, igualmente, aos trabalhadores a necessidade de lutar por melhores condições de trabalho.

Em *Meninos sem Pátria* (2000), o autor nos oferece um drama vivido nos anos 70 por um adolescente, Marcos, filho de um jornalista que, por motivos políticos, parte com a família para o exílio; passam por alguns países e permanecem na França até a anistia, quando retornam ao Brasil.

Essa obra também baseada numa história real de um jovem angolano, aluno do escritor, que se vê, como o protagonista Marcão, forçado a deixar seu país fugindo da repressão. Vale ressaltar que também se trata de um texto ficcional, que recria poeticamente uma realidade comum a inúmeros brasileiros que foram oprimidos pela ditadura, tiveram que sair do Brasil e só, então, puderam retornar com o fim desse regime, que tanta dor e sofrimento causou.

DESLOCAMENTO: MUDANÇAS E RESISTÊNCIAS

Tanto na obra *Açúcar Amargo* (1989) como em *Meninos sem Pátria* (2000), percebe-se a crise de identidade das personagens Marta e Marcos. Essa "Crise de identidade",



de que fala o teórico e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2005), configura um deslocamento das estruturas e processos centrais da sociedade moderna, que abala, respectivamente, as referências de gênero e de nacionalidade. Para Hall (2005), as identidades modernas estão sendo “descentradas”, deslocadas ou fragmentadas e essas mudanças estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero sexualidade, etnia, raça e nacionalidade; tidas anteriormente como sólidas localizações de indivíduos sociais.

Estas transformações acabam transformando também as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos – constitui “uma crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2005, p. 9).

Hall aponta a “crise de identidade” como parte de um processo de mudanças, que pode ser identificado nos dois romances: a situação de inferioridade colocada à mulher e à nacionalização imposta pelas condições políticas. Os protagonistas Marta e Marcos, dos livros que constituem o *corpus* desse artigo, questionam a ideia de sujeito integrado em seu lugar no mundo social e cultural.

Em *Açúcar Amargo*, “a crise de identidade” se manifesta no deslocamento de seu lugar, focado na questão do gênero. Esse deslocamento ocorre quando Marta, filha de um lavrador, estudante de oitava série, passando por mudanças características de uma adolescente, tanto físicas quanto emocionais, coloca nos estudos a possibilidade de reverter um destino prescrito às mulheres, as prendas domésticas:

Se você tivesse o pai que eu tenho, Eliana. . . Ele vive reclamando que eu preciso aprender um ofício, que esse negócio de estudar é besteira.... [...] Eu que não estude pra ver ... Vou ficar na beira do fogão e do tanque a vida toda que nem a mãe. (PUNTEL, 1989, p. 7)

Em meio a esse deslocamento pessoal, a família de Marta passa por deslocamento geográfico: teria que sair da fazenda onde moravam, pois o fazendeiro usaria as terras para plantar cana. “[...], mas o caminho terminando na rodovia, levando-os para longe de



Paulinho, do Colegião, das amigas, de Carminha, para longe de Catanduva, com destino a Bebedouro" (PUNTEL, 1989, p. 12).

Para Marta, foi difícil adaptar-se à nova situação. Agora já não moravam mais em uma fazenda, mas nos arredores de uma cidade. O pai e o irmão tinham que se deslocar diariamente nos caminhões de boias-frias para a colheita da laranja, que não haviam plantado. E isso mexeu com todos da família. Seu pai ficara mais ranzinza, a precária saúde da mãe piorara, exigindo que Marta ficasse permanentemente com ela, o que contribuiu para que acabasse perdendo o ano escolar.

Em *Meninos sem Pátria* (2000), o deslocamento do protagonista ocorre também, logo no início da narrativa, em relação a um espaço geográfico, quando a família de Marcão é obrigada a deixar o Brasil, peregrinando por outros países, tentando se ajustar à cultura dos locais por onde passavam.

Nesse movimento, Hall (2005) aponta a mudança do sujeito como uma identidade unificada e estável, se tornando fragmentada, composta de várias identidades, às vezes contrárias e não resolvidas:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2005, p.12-13).

Ernest Laclau (1990) usa o termo *deslocamento* para esse movimento do sujeito e ressalta que esse deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, e também abre as possibilidades de novas articulações; a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos.

Novos sujeitos surgem dessas mudanças e muitas alterações ocorrem na vida de Marta: morre o irmão, braço direito do pai que busca nova possibilidade de sobrevivência. Marta se deslumbra com a mudança para Ribeirão Preto-SP, cidade grande, a possibilidade de cursar um ensino médio de qualidade, que lhe permitisse entrar no ensino superior. Porém, não é isso o que ocorre. Motivado pelo compadre, Pedro, pai de Marta, resolve mudar para Guariba para trabalhar no corte da cana.



Marcos ou Marcão precisa mudar constantemente, saindo de país, enfrentando os problemas com a língua, entretanto, com os costumes característicos de cada lugar. Sem contar o medo constante que sua família e ele sentiam de serem localizados, em virtude de ações consideradas subversivas pela polícia. No caso do pai de Marcos, tal perseguição se deveu ao fato de ter se manifestado, em artigo de jornal, contra a imposição, o terrorismo, as ações da ideologia militarista e a favor da democracia, conforme comentaremos a seguir.

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA: O LUGAR DO SUJEITO

A literatura pós-colonial é analisada aqui no contexto da cultura vivida e afetada pela colonização europeia, influenciadora desde o período imperial até a contemporaneidade, baseada na tensão com o poder colonizador, possibilitando a sua identificação na escrita pós-colonial, por meio da estratégia da mimica contra o colonizador.

De acordo com Hall (2005, p. 11), em sua perspectiva sociológica, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade, constituindo-se o "eu real" a partir de um diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades, que esses mundos oferecem.

Dessa forma, percebemos que a personagem feminina, Marta, abarca em si aquilo que a sociedade impõe: que sirva aquele que tem poder sobre ela, no caso o pai e o patrão, configurando o homem como ser superior e a mulher como submissa, não sendo valorizada pela inteligência e sem qualificação profissional.

Em Guariba, Marta tenta voltar às aulas, mas só encontra vaga para o período noturno. Impedida de estudar no período noturno, pelo pai, tenta argumentar. Tem como resposta a agressão do pai que a culpa pela morte do irmão, que morrerá ao cair do caminhão de boias-frias.

A personagem Marcão, assim como Marta, num movimento de mudança no conceito de identidade de sujeito, passa por um processo de deslocando das estruturas e dos quadros que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Ele lida com aspectos



das culturas nacionais, ligadas ao jogo de poder, de contradições internas e de diferenças sobrepostas.

Em Canavialópes, espaço fictício, e lugar onde morava a família de Marcos, primeiro, ocorre a depredação do jornal de oposição ao regime militar dirigido pelo pai, *O Binóculo*. Isso em virtude de ter publicado algumas notícias, que não deveriam ser do conhecimento do público leitor, pois, criticavam as ações da ditadura. Depois de uma série de telefonemas intimidadores, dirigidos ao pai, que Marcos atende, a família fica sob vigilância e percebe que a casa está cercada. O pai de Marcos foge disfarçado como um entregador, em um caminhão de gás, antes de uma batida policial.

A família só recebe notícias de Zé Maria, pai de Marcão, dias depois, quando uma freira, disfarçada de faxineira, leva Marcão, sua mãe Tererê, e seu irmão Rico para se refugiarem em um convento. Depois de alguns dias, a família vai para Corumbá, Mato Grosso, depois para a Bolívia, e de lá, de avião, vão encontrar Zé Maria em Santiago, no Chile. Começava aí a vida de Marcão como exilado.

No Chile, o Pai de Marcos trabalha como jornalista, período em que lá acontece o Golpe Militar e começa o governo do general Augusto Pinochet. A família, ligada à oposição do novo Regime Militar, torna-se mais uma vez visada. O pai de Marcos precisa fugir novamente. E, mais uma vez a família deveria passar por momentos de terror para reencontrá-lo. Durante a fuga, buscando refúgio na embaixada da França, Marcão quase leva um tiro, fica traumatizado, e passa a ter medo de policiais.

A violência manifestada pelo pai de Marta é uma forma machista de impor não só a condição paternalista, mas também a condição inferior da mulher, que pode até mesmo sofrer agressões físicas. Já a violência manifestada ao pai de Marcos mostra a repressão ao direito de se colocar contrário às condições de imposição pela ditadura de um regime militar; fato que o torna alvo para o "desaparecimento", não só dele, mas de toda sua família, justificando, assim, a necessidade de fugas constantes.

O colonizador precisa de todas as formas manter a objetificação da mulher e a coisificação do sujeito, cidadão. A eles não é dado espaço para manifestação. Paira a misoginia, ou

seja, o desprezo e repulsa às características femininas, colocando a mulher em posição de subordinada ao homem, numa evidente manifestação da ideologia patriarcal.

Diante da violência, é plausível chegar à seguinte constatação:

Se a meta do colono é tornar impossível o sonho de liberdade do colonizado, [...] a meta do colonizado é materializar todas as combinações possíveis para aniquilar o colonizador. À Teoria do colonizado como mal absoluto corresponde a teoria do colonizador como mal absoluto. (FANON apud BONNICI, 2009, p. 56).

Para Fanon, essa prática de violência tem um aspecto positivo, uma vez que provoca a reação à violência primeira e o processo de libertação. Talvez, esse processo de libertação comece neste momento para Marta, quando mesmo contrariando a vontade do pai começa a estudar à noite e, por solicitação da professora, inicia a leitura de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Pai-de todos*, de Ganymédes José, e *A cara engraçada do medo*, de Murilo Carvalho; obras que abordam problemas de trabalhadores rurais semelhantes à realidade de Guariba, devido a sua temática.

Em casa, Marta e o pai não se falavam, mas as ofensas por parte dele eram constantes:

Coitada? Você tem coragem de chamar essa vagabunda de coitada? É bom mesmo ela ouvir umas verdades. Você anda criando essa menina muito errado, Zefa. Ela já não obedece mais. Faz o que quer, o que bem entende. Continua o mesmo traste a mesma inútil de sempre. Se não fosse a sua doença, ela já estava empregada em casa de família, aprendendo quanto custa ganhar a vida... (PUNTEL, 1989, p. 42).

Marta compreendera que seu pai a rejeitava por ser mulher e por não poder ajudá-lo na roça, como o irmão fazia. Resolve então comprar no armazém, tirando um vale, a camisa de manga comprida, lenço, chapelão e as ferramentas e se apresenta para o corte da cana como um mineiro, Mudinho, a um dos "gatos", que são aliciadores de boias-frias da cidade.

No grupo, Marta percebe e incorpora muitas mudanças e as necessidades delas: comportamento diferente na escola, queda no rendimento; a dureza do trabalho dos boias-frias sem direitos trabalhistas; pagamento inferior às mulheres; a constituição de um sindicato de trabalhadores; a admiração do pai pelo esforço e esperteza pelo desconhecido Mudinho que o fazia lembra-se do filho





morto; e os versos de Camões, “um não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei porquê”, singularizam e acentuam a sua situação de marginalização e a tomada de consciência de sua subalternidade, por ser mulher e por estar imersa numa sociedade, onde a vigência do sistema patriarcal é nítida e perversa.

Ela só é aceita no universo masculino quando se disfarça de homem. Ainda nesse caso, ficam valendo as leis do patriarcado, que beneficiam somente os homens. Marta abre mão de sua identidade e assume uma outra, bem diferente da sua, para poder viver um mundo regido por leis machistas.

Na narrativa, percebe-se uma crise identitária, pois ela assume uma atitude contrária às condições sociais e históricas sobre o sujeito e as formas culturais que delimitam seu papel no convívio social, resultante de seu próprio posicionamento. Nessa perspectiva, podemos também identificar a mímica como estratégia de resistência, quando Marta, o colonizado, assume os hábitos culturais e valores do colonizador; e ainda, como o sujeito coloca sua capacidade de resistência e negociação com as estruturas sociais apresentadas. Nesse sentido, convém salientar o que Stuart Hall afirma a respeito da(s) identidade(s) que um sujeito pode assumir:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos aos quais pode se “falar”. As identidades são, pois pontos de apego temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2000, p. 111).

Depois de “tornar-se” o outro para ser aceita, Marta em uma briga física com a rival, Angela, acaba tendo sua farsa desnudada:

Não existe Mudinho nenhum, pai! [...] Eu queria mostrar pro senhor, seu Pedro – Marta respondeu, voltando em direção ao pai – que as mulheres fazem o mesmo serviço que os homens e até melhor... [...] Pro senhor parar com esse negócio de falar que só o Altair dava conta do recado e passar a prestar mais atenção na filha e na mulher que tem em casa...” (PUNTEL, 1989, p. 66-67).

Agora ela já não precisa se esconder de seu pai e nem de Agenor, com quem passara a namorar, mas o revelar-se



mulher trouxe a confirmação do menor salário, ainda que realizasse um trabalho idêntico ao da época em que usava o nome masculino de Mudinho. Tal fato a motivou a participar da reunião do Sindicato para fazer a denúncia. Durante a reunião, tantas outras denúncias foram feitas e a maioria dos trabalhadores optou por uma paralisação que “explodiu e se alastrou como em fogo em dia de queimada: rápido e rasteiro” (PUNTEL, 1989, p. 76).

Outra estratégia de resistência se evidencia na situação comentada acima: a representação de lutas que, segundo Bonnici (2009), é um dos lugares de resistência na literatura pós-colonial. Ele também aponta, de acordo com LuKács (apud BONNICI, 2009), que o capitalismo como produtor de fragmentação e reificação, porque o ser humano se torna mercadoria e o trabalho aliena-se do próprio produtor. Esta separação, entre a consciência subjetiva e o mundo dos objetos, pode ser superada por ato de vontade pelo qual a totalidade e a síntese, a comunidade e a reconciliação fecham o abismo entre os dois polos. Destrói-se, portanto a reificação sujeito-objeto. Seguindo este esquema, Fanon investiga e desmacara a ação do colonizador:

O colono-colonizador faz a história e sabe que a faz. E, por que se refere constantemente à história de sua metrópole, indica claramente que ele é, aqui o prolongamento dessa metrópole. A história que ele escreve não é a história do país que ele despoja, mas a história de sua nação, quando rouba, esmola e esfomeia. A imobilidade à qual é condenado o colonizado só pode ser questionada se o colonizado decidir pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da colonização (FANON, 2006, p. 68).

A fuga, em *Menino sem Pátria* (2000), traz a resistência ao “cale-se” e a necessidade de construir “um novo texto”, possibilitando ecoar a voz do colonizado: problematizando o contexto de cultura imposta.

Numa intertextualidade e interdiscursividade com o texto de Puntel, *Açúcar Amargo* (1989), mesmo que pertencendo a outro gênero, o poema “Trem de Ferro” de Manuel Bandeira (2001), e “O açúcar” de Ferreira Gullar (1980), colocam a mão-de-obra canavieira, como forma de trabalho escravo, visto que os trabalhadores ficavam presos aos canaviais, ganhavam baixos salários e não tinham como se libertar. Situação descrita

por Bandeira, na metáfora do poema “cada pé de cana / era um oficiá”, a sede que os leva a pedir a menina, “cana”, que mate a



sua sede e o desejo de fuga da realidade, "Vou mi embora [...] / Não gosto daqui [...] / Sou de Ouricuri".

[...] Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matar minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô... (BANDEIRA, 2001, p.101)

37

Ao lermos o poema "O açúcar" (GULLAR, 1980), estabelecemos essa inter-relação discursiva, já que Gullar também retrata, por meio do discurso poético, a miséria, a semiescavidão proporcionada pela cultura canavieira. Para isso, estabelece importantes contrastes: o açúcar, branco, suave, agradável ao paladar, já a vida do trabalhador amarga; Ipanema, lócus da elite versus os canaviais, que produzem analfabetos, famintos; poeticamente contextualizados por Gullar.

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
Nesta manhã de Ipanema
Não foi produzido por mim
Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
E afável ao paladar
Como beijo de moça, água
Na pele, flor
Que se dissolve na boca. Mas este açúcar
Não foi feito por mim.



Este açúcar veio
Da mercearia da esquina e
Tampouco o fez o Oliveira,
Dono da mercearia.
Este açúcar veio
De uma usina de açúcar em Pernambuco
Ou no Estado do Rio
E tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
E veio dos canaviais extensos
Que não nascem por acaso
No regaço do vale.

Em lugares distantes,
Onde não há hospital,
Nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome
Aos 27 anos
Plantaram e colheram a cana
Que viraria açúcar.

Em usinas escuras, homens de vida amarga
E dura
Produziram este açúcar
Branco e puro
Com que adoço meu café esta manhã
Em Ipanema. (GULLAR, 1980)

Assim, percebemos nas obras apontadas uma busca pelas fontes brasileiras e uma problematização da realidade nacional, formalizada na problemática conciliação entre colonizado e colonizador que, na cultura pós-colonial, atuam, sempre, como polos antagônicos.

Outras leituras, e por que não releituras de textos, em que o sujeito da narrativa tenta recuperar sua subjetividade em relação à nacionalidade, complementando a temática da obra *Meninos sem Pátria* (2000), podemos observar a música de Caetano Veloso (1971), *London London*, na qual o eu lírico, embora exilado em Londres, não sente medo



dos policiais; mas, percebe-se coisificado, buscando no céu um disco voador, diante da necessidade de afastamento da nação e pela "vontade de ficar mais um instante", como cantava Roberto Carlos ao amigo, que estava no exílio. Até o momento em que Chico Buarque e todos que "andavam por aí" e puderam cantar:

Pode ir armando o coreto
Preparando aquele feijão preto
Que eu tô voltando....
Põe meia dúzia de Brahma pra gelar
Muda a roupa de cama
Eu tô voltando... (TAPAJÓS; PINHEIRO, 1979).

O retorno de Marcos, da narrativa *Meninos sem Pátria*, evidencia um indivíduo modificado pela experiência e exposição a culturas de países diferentes. Tal mudança também é notada em Marta, após sua luta para ter seus direitos ao estudo e ao trabalho garantidos. Desse modo, ambos os textos apresentam estratégias de resistência, para que cada um dos personagens possa sobreviver em situações conflituosas; e não se deixar calar pela voz dos opressores, sejam eles os homens que seguem as regras do sistema patriarcal e que não querem dar voz às mulheres, seja os representantes de poderes políticos autoritários, que perseguem, torturam e matam aqueles que ousam a enfrentá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura nos proporciona uma interação entre sujeitos e a socialização de vivências de lugares, de épocas e de pessoas, iguais ou diferentes, que transcritas em palavras podem ensinar muito sobre nós mesmos e também, sobre uma humanidade compartilhada, de forma a dar sentido à nossa identidade.

Conforme apontou Stuart Hall (2005, p. 52), existe uma narrativa da nação, que fornece uma série de imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais que representam as experiências partilhadas, que dão sentido à nação. Desse modo, como membros de uma comunidade, compartilhamos de tal narrativa, a qual dá significado e importância à nossa existência, "conectando nossas vidas

cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continuará a existir após nossa morte".

Nesse sentido, no percurso de Marta, em *Açúcar Amargo* (1989) e Marcos, em *Meninos sem Pátria* (2000), podemos considerar que as narrativas das quais eles fazem parte, fornecem elementos que nos estimulam a mudar nossas atitudes, aceitar desafios e buscar soluções para questões, que nos inquietam e nos obrigam a deixar de lado a nossa passividade e acomodação. A ficção nos faz enxergar que pertencemos a uma nação, a algo muito maior, que vai muito além do individual, irmanando a todos os seres humanos, e isso se concretiza por meio de atitudes de resistência e de luta contra toda e qualquer forma de opressão.

A personagem Marta traz a problemática do universo feminino, permeada pelo menosprezo e pela autoridade e supremacia da figura masculina, herdada por séculos do sistema patriarcal. Marcos, por sua vez, problematiza a repressão política, evidenciando os seus malefícios, as dores e os sofrimentos que circundam aqueles que são obrigados a se exilar e a fugir de seus país graças às arbitrariedades e pressões de sistemas políticos ditatoriais.

É somente através de estratégias de resistência, que ambos logram transformar a realidade e podem mudar o curso de suas existências, conseguindo vencer as forças opressoras que lhes cerceavam a liberdade e os impediam de ser felizes e se sentirem integrados a uma comunidade, que os aceitasse, acolhesse e validasse suas ações.

Se de um lado a literatura pós-colonial nos aponta, no contexto da cultura vivida, um homem objeto, sujeito de uma colônia dominante, desde o início da colonização até a contemporaneidade; do outro lado, também nos aponta exemplos de resistência pela mímica, pela paródia, pela releitura, pela reescrita e ampliação do cânone literário.

Ao lermos, vamos descobrindo sentidos nas memórias que ligam o presente com o passado, possibilitando o conhecimento social de modo crítico e a capacidade de apreciação e réplica, que envolve também a

percepção de relação entre os indivíduos em sociedade. E da verificação do modo como o espaço de resistência e de





transformação é marcado em obras da literatura infantojuvenil, como *Açúcar Amargo* (1989) e *Meninos sem Pátria* (2000), narrativas nas quais os protagonistas se insurgem contra o *status quo*, por meio de atitudes de resistência, acabam transformando a realidade que os rodeia.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

BONNICI, Thomas. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2849/1/Tese%20-%20LARISSA.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ESTANTEBLOG. Capas de alguns volumes da Série Vaga-Lume. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2016/05/16/4-livros-vaga-lume/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

FANON, Franz. *Os Condenados da Terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

FERREIRA, Gullar. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 227-228.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

LACRAU, Ernst. *New Reflections on the Revolution of our Time*. Londres: Verso, 1990.

MENDONÇA, Catia Toledo. *À sombra da Vaga-Lume: análise e recepção da Série Vaga-Lume*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/23175/23070>. Acesso em: 24 abr. 2020.

PUNTEL, Luiz. *Açúcar Amargo*. São Paulo: Ática, 1989.

PUNTEL, Luiz. *Meninos sem Pátria*. São Paulo: Ática, 2000.

TAPAJÓS, Maurício; PINHEIRO, Paulo César. *Tô voltando*, 1979. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/simone/463282/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

VELOSO, Caetano. *London London* (1971). Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/caetano-veloso/london-london/letra/>. Acesso em: 27 jan. 2020.



Recebido em 02 de fevereiro de 2020.

Aprovado em 05 maio de 2020.

Resistance and transformation and its strategies in *Açúcar Amargo* and *Meninos Sem Pátria*, by Luiz Puntel

Abstract: To colonized nations, resistance occupies a relevant status, since it becomes a way of opposing the colonists' excesses and exploitations, and this can be seen in literary texts from former colonies belonging to Portugal, Spain, France, for example. Thus, our objective is to study the strategies of resistance for the transformation of an oppressive reality in the young adult books *Açúcar Amargo* (1989) and *Meninos sem Pátria* (2000), by Luiz Puntel. As a theoretical framework, we will rely on the research carried out by Fanon (2006), Bonnici (2005, 2009), Lacrau (1990), Hall (2000, 2005). It is observed that, during the reading, the protagonists of the two works by Puntel, Marta and Marcos, manage to modify the scenario of oppression that surrounds them, through attitudes of resistance.

Keywords: Resistance; Young adult book; *Açúcar amargo*, *Meninos sem pátria*; Luiz Puntel.

42

ⁱ Para mais informações a esse respeito, vide MENDONÇA, Catia Toledo. *À sombra da Vaga-Lume: análise e recepção da Série Vaga-Lume*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007, p. 81-141. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/23175/23070>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ⁱⁱ Tipo de trabalhador itinerante, que executa tarefas como colheitas de café, corte de cana, retira mato de plantações por meio da capinação e roçagem, na zona rural, o qual come a comida (boia) que traz de casa, geralmente, fria.